

# REVISÃO DE LITERATURA SOBRE PESQUISAS FOCALIZANDO AS QUESTÕES DE SEXUALIDADE, RAÇA E ETNIA EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS GAY

PÁBULO GUIMARÃES MENDES<sup>1</sup>  
MARCOS LOPES DE SOUZA<sup>2</sup>

## 1. Introdução

Este artigo apresenta uma revisão de literatura sobre as pesquisas relacionadas às temáticas dos aplicativos de relacionamentos gays com foco para os marcadores de sexualidade, raça e etnia.

Com o crescimento da globalização no final do século passado, o mundo passou por grandes transformações geográficas, econômicas, políticas, culturais e sociais. Uma dessas mudanças foi a produção de novos equipamentos tecnológicos e atrativas ferramentas de acesso chamados de aplicativos, aqui me refiro aos de relacionamento gay (OLIVEIRA, 2018).

Em tempos de novas tecnologias, a superexposição a partir dos aplicativos de relacionamentos vem ganhando mais força, permitindo o desejo pelas paqueras, os afetos, as curtidas e os sexos casuais, virtual e presencialmente. As vitrines virtuais são um espaço para que os usuários dos aplicativos se exponham a fim de conseguir as práticas desejáveis. Os frequentadores desses aplicativos usam esse espaço para expor/oferecer aquilo que consideram o melhor e, uma das formas, é usando seus corpos para atrair e seduzir seus parceiros (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2013).

Nesta questão do corpo, Oliveira (2018) descreve que, na maioria das vezes, os gays *barbie* e/ou jovem *twink* fazem críticas aos corpos das gays "femininas", "pintosas", "passivas", "molinhas" e "pocs", classificando-as como um corpo do passivo (aquele que quer fazer sexo com outro homem e ser penetrado pelos ânus), caracterizando-os como masculinidades fragilizadas e delicadas.

Diante disso, este trabalho objetivou analisar como os marcadores de

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPREC/UESB; Especialista em Políticas Públicas, Serviço Social na educação; Licenciado em Teatro; Bacharel em serviço Social e professor de Artes dos anos Finais do Fundamental.

<sup>2</sup> Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, BA.

sexualidade, raça e etnia são focalizados nas pesquisas sobre aplicativos de relacionamentos gays.

## 2. Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma revisão de literatura, que relaciona e analisa as produções em um determinado campo do conhecimento e em um período antecipadamente constituído, contribuindo com o conhecimento sobre o assunto pesquisado e relacionado com a pesquisa (MOREIRA, 2004).

Foram selecionados os artigos, teses e dissertações sobre o tema, com textos completos, no idioma português, nos períodos de 2016 a 2021, devendo, necessariamente, estar relacionado à área de conhecimento e ou temática das ciências humanas. Foram utilizadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, - Catálogo de Tese e Dissertações da CAPES - CTD/CAPES, Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online - SciELO/Brasil. Os descritores empregados foram: “aplicativos gays” e “aplicativos de relacionamentos gays”.

Na primeira fase desta revisão por meio, buscou-se das literaturas selecionar os estudos que mais se aproximam do objetivo desta pesquisa, utilizando-se do emprego das seguintes palavras-chaves: aplicativos de relacionamentos gays, identidades e sociabilidade gay.

Foram encontrados um total de 2.773 trabalhos, sendo 35 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – (BDTD), 57 no CTD/CAPES (Catálogo de Tese e Dissertações da CAPES), um na biblioteca da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e 2.680 no Google Acadêmico.

A segunda etapa consistiu em selecionar os trabalhos conforme os seguintes critérios de inclusão: artigos na íntegra, disponíveis online, escritos em português, produzidos entre 2016-2021 e que contemplassem um ou dois descritores utilizados nesta pesquisa: aplicativo, sociabilidade, identidade, raça e etnia. As publicações que não atendiam esses critérios foram excluídas. Depois disso, foi feita uma leitura seletiva dos resumos, palavras chaves e das considerações finais, selecionando uma amostra de 20 trabalhos.

Na terceira fase foi realizada uma análise com base na leitura atenta das obras (resumo e texto completo), enfocando a análise dos objetivos, da metodologia da pesquisa e dos achados dos trabalhos. Salienta-se que não

significa que não existam outras pesquisas com os mesmos descritores ou parecido nos anos de buscas e ou em anos anteriores.

E por último a quarta fase consistia na elaboração e análise das quatro categorias temáticas originadas pela pesquisa, sendo elas: Aplicativos de relacionamentos gays, identidades, sociabilidade gay e raça/etnia.

### **3. Descrição e análise das categorias temáticas**

#### **3.1. Aplicativos de relacionamentos gays - *Grindr*, *Hornet* e *Scruff***

Em sua totalidade, as pesquisas analisadas têm como objeto de estudo a utilização dos aplicativos gays para finalidade de encontro de um parceiro. Dentre esses aplicativos, encontram-se o *Grindr*, *Hornet* e *Scruff* que se configuram como os mais populares no Brasil. O perfil dos usuários está dividido entre gays e bissexuais que desejam conhecer e se relacionar com outros homens. Os contatos acontecem a partir daqueles que estão mais próximos, possibilitando uma interação discreta e anônima.

O estudo realizado por Vieira, Corradi e Santos (2016) e Santos (2018) constataram que os aplicativos de relacionamentos como o *Grindr* e *Scruff*, servem enquanto mídias que refletem e interagem na sociedade, (re)construindo padrões exercendo influência direta nas interações entre os indivíduos e na construção da sociabilidade.

O estudo de Melo e Santos (2020), constatou que grande parte dos usuários do *Grindr* buscam reprimir-se e adotar um comportamento de silenciamento e sigilo. Coutinho (2020) ressalta que o perfil dos usuários desses aplicativos evidencia comportamentos e atitudes que demonstram uma preferência de reincorporação de elementos políticos e imagéticos/visuais de uma sociedade masculina, cis heterossexual e altamente opressora.

Uma das principais características dos aplicativos é visibilizar a diversidade de corpos em perfis com o propósito de encontros (MISKOLCI, 2016; ALENCAR, 2017; COSTA; CRUZ, 2018; FELIPE; TAKARA, 2018; ANDRADE; SILVA, 2019; SOUZA; SANTOS JUNIOR; MOTA, 2020). Todavia, um dos pontos que chamou atenção em alguns dos trabalhos foi a preferência por homens "não afeminados, discretos e magros" (MELO; SANTOS, 2020).

Alguns autores pensam nesses aplicativos como tendo a capacidade de promover interações e curtições, elementos esses imprescindíveis para se pensar a

sociabilidade gay nas redes sociais, além do *crush* como paixão súbita, rápida e efêmera (ROCHA; COELHO, 2018; SANTOS; VIEIRA, 2018; CRUZ, 2020). Paranhos e Nery (2020) analisam os *apps gays* como uma certa reinvenção dos espaços comuns de homosociabilidade, como os bares e boates gays, que, até então, preponderavam como espaços de encontros.

O estudo de Fragoso (2017) ressalta que nesses aplicativos de relacionamentos gays é bastante comum encontrar homens heterossexuais casados, mas que mantêm relações encobertas com outros homens, curiosos, além de homens que não assumem suas práticas sexuais publicamente.

### 3.2. Identidades

Dos 20 estudos analisados, sete discutiram as transformações do conceito de identidades ao longo da história. A identidade, de acordo com Hall (2003, p. 15), “[...] é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”.

O estudo realizado por Silva e Paiva (2018) retrata um fenômeno bastante peculiar na sociedade contemporânea, o “cuidado excessivo com o corpo”, sendo essa interface, um marcador de identidades, especialmente, entre a população gay. Melo e Santos (2020) tratam dos conceitos de identidade, em des/re/construção na sociedade contemporânea, pautada na visão de alguns autores como, Zygmunt Bauman e Stuart Hall. De acordo com Bauman (2005) é impossível omitir as fragmentações e desestabilização das identidades, uma vez que, uma identidade coesa e fixada se configura como um fardo, uma limitação da liberdade de escolha.

Nesse sentido, os sujeitos contemporâneos vivenciam constantemente uma desestabilização, descontrole, descentralização, destradicionalização e vertigem diante das modificações culturais, políticas e econômicas. As identidades não são sólidas como uma rocha, nem são asseguradas para toda a vida, pelo contrário, são bastante ajustáveis e revogáveis. E as próprias decisões dos indivíduos, os percursos que eles seguem e a forma como agem são fatores cruciais para suas identidades (BAUMAN, 2005).

Vieira, Corradi e Santos (2016) ressaltam determinadas afirmações identitárias presentes nos *apps*. Para eles: “[...], os usuários precisam “atender a certas exigências estéticas” para lograr êxito nas práticas de sociabilidade

estabelecidas no ambiente simbólico dos aplicativos" (VIEIRA; CORRADI; SANTOS, 2016, p. 11). Neste contexto, a interação entre os sujeitos e grupos permite modificações contínuas e contornam a identidade, em processo de exclusão ou inclusão validando quem está inserido no grupo e quem não está.

Para as perspectivas pós-modernas, as identidades são descentradas e fragmentadas. Essa fragmentação da identidade é presenciada pelos usuários dos *Grindr* e *Scruff*, que, relevam ou preservam mais ou menos dados a respeito de si, por meio da escolha de fotografias disponibilizadas no aplicativo e também de suas principais características.

### 3.3. Sociabilidade gay

A sociabilidade gay foi discutida em 15 dos 20 artigos selecionados para essa revisão. Os aplicativos se configuram como um dos principais meios de socialização desses indivíduos. O estudo de Santos (2018) retrata que o processo de sociabilidade dos aplicativos é um meio de expressar desejos e exercer sexualidades dissidentes.

Cruz (2020) ressalta que a masculinização da homossexualidade recai sobre os corpos dos sujeitos, transformando-os em escrituras históricas sobre os valores culturais de uma sociedade. Neste sentido, a sociabilidade gay, especialmente, para o relacionamento, acontece com maior frequência e segurança por intermédio dos aplicativos de relacionamentos, possibilitando o extravasamento de atitudes e comportamentos, que talvez, presencialmente, eles não teriam coragem de exprimir.

Para Padilha (2019, p. 122), a falta de espaços de sociabilidade para o público gay, especialmente, no interior, contribui para que "as mídias digitais constituem uma saída tecnológica e provisória que possibilita o arranjo estratégico de relações homoeróticas ao abrigo do olhar público".

Para Silva e Paiva (2018), a sociabilidade gay é caracterizada por várias formas de exclusão, divisão, preconceitos e divergências por diversos grupos que ali estão, grupos esses definidos por questões físicas como corpo, trejeitos, masculinidade, idades, classes sociais, bairros em que residem e entre outros.

Para Miskolci (2016) as mídias digitais "em termos de sociabilidade, facilitam a formação de redes relacionais seletivas". De fato, como já mencionado nesse estudo, os aplicativos de relacionamentos acabam produzindo segregação e

preferências por perfis "socialmente aceitáveis" "cancelando" aqueles que fogem dos padrões "estéticos estabelecidos".

### 3.4. Raça/etnia

Dos 20 artigos analisados, apenas cinco deles discutiram sobre raça e etnia. No estudo de Bastos (2018) foi identificada a discriminação relacionada a raça, corpo ou posição socioeconômica nas relações existentes. Nesse processo não são curtidos os negros, os gordos, os asiáticos, o nordestino, quem não mora no centro ou na zona leste, no caso da cidade São Paulo.

As pesquisas de Rosa (2017) e Silva e Paiva (2018) apontam que os aplicativos têm reforçado algumas padronizações como, por exemplo, normas de raça, percebida na evidência e na preferência pelo corpo branco, além de padrões de masculinidade, por meio dos elementos que, normativamente, são intrínsecos aos homens tais como pênis, corpo musculoso para indicar força, barba, aparente heterossexualidade, entre outros. Daí fica a indagação: esses aplicativos também podem ser considerados como heteronormativos? Vieira, Corradi e Santos (2016) ressaltam que esses aplicativos reconfiguram as relações homossexuais.

O preconceito é percebido também entre as relações gays. Segundo Bastos (2018) restringir o outro por critérios da "raça, status social ou até mesmo cultural" encontra eco na tecnologia com elementos presentes no aplicativo, como os filtros. Por meio deles é possível delimitar e indicar o que é desejado pelo sujeito no momento de busca nessas redes.

O homem gay enfrenta dois desafios simultaneamente: o primeiro deles é o fato de ser gay e o segundo diz respeito a sua cor. O homem negro gay enfrenta esses dois estereótipos negativos, que acabam refletindo em maior desafio para a sociabilidade desses indivíduos (SILVA; PAIVA, 2018).

A discriminação étnico-racial e homoafetiva pode ser identificada nas relações homossexuais, demonstrando que esse fenômeno pode ser reproduzido, mesmo por aqueles que são vítimas constantes dela, se configurando como círculo vicioso, difícil de ser extirpado das relações sociais.

No estudo de Felipe e Takara (2018) é ressaltado que homens negros, ao se apresentarem nos aplicativos de relacionamento gay, estabelecem uma prática de representação identitária que sedimentam significados, estabelece atributos físicos e culturais e definem papéis sexuais, que muitas vezes são naturalizados no

decorrer da história. Nessa mesma pesquisa, os autores ressaltam que a discriminação sofrida por homens negros gays acontece de forma dual, o que exige desse grupo maior habilidade para relacionar-se por meio desses aplicativos. Isso se deve porque as relações de poder da cultura branca, os padrões sociais de beleza, cor, raça e aspectos físicos são determinantes quando se busca um parceiro para se relacionar.

#### 4. Considerações Finais

Essa revisão de literatura evidenciou que os aplicativos de relacionamentos gays têm sido uma das ferramentas de interação, criando novos sentidos e significados de sociabilidade e relacionamentos, facilitando e aproximando os usuários por meio dos aplicativos *Grindr*, *Hornet* e *Scruff*.

Dos estudos analisados, a maioria dos usuários desses aplicativos é jovem, em sua maioria, com idades entre 18 e 40 anos. No que tange ao perfil étnico-racial, os estudos demonstraram que os homens negros não ultrapassam os 50%. Constatou-se ainda que existe uma segregação étnico-racial, socioeconômica e com relação ao aspecto físico dos usuários desses aplicativos, ou seja, com preferência por perfis brancos, olhos claros, corpo escultural, existindo uma menor preferência por usuários gordos.

Outro fator importante é o fato de que a maioria dos usuários desses aplicativos está em busca de sexo casual, estabelecer uma comunicação com novas pessoas, e construir novas amizades, enquanto que os relacionamentos sérios e comprometidos ocupam o último lugar no interesse desse público, demonstrando uma maior liquidez das relações atuais.

#### Referências

ALENCAR, V. L. O. Identidades e imaginários em aplicativos de encontros gays. In: FERRARI, A. CASTRO, R. P. (orgs.). **VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO**: ABEH e a construção de um campo de Pesquisa e Conhecimento: desafios e potencialidades de nos re-inventarmos [Livro eletrônico] Campina Grande: Realize Editora, 2017, p. 46-53.

ANDRADE, E. R.; SILVA, T. T. Excesso e positividade na construção do sujeito: uma reflexão sobre aplicativos de relacionamento. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 141-161, dez., 2019.

BASTOS, G. G. **Os sujeitos gays nas tramas das rede(s)**: um discurso sobre os aplicativos de relacionamento. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade

de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2018.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA; V. P.; CRUZ, J. L. M. Gaydárpio: estigmatização de corpos no aplicativo *Grindr*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 20., 2018, Campo Grande, MS. **Anais eletrônicos** [...]. Campo Grande: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2018/resumos/R61-0283-1.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

COUTINHO, A. L. Desejo e “aplicativos de pegação” gays: a busca de parceiros (homo)sexuais baseada em imagens heterossexualizadas. **Revista Brasileira da Homocultura, REBEH**, v. 3, n. 10, p. 59-72, abril-junho, 2020.

COUTO, E. S.; SOUZA, J. D. F.; NASCIMENTO, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. In: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE, 3., 2013, Salvador, BA. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: GITS, 2013. Disponível em: [http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1\\_grindr\\_49464.pdf](http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf). Acesso em: 02 jul. 2021.

CRUZ, M. S. Masculinidades e discrição em aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2020.

FELIPE, D. A.; TAKARA, S. Corpos negros nos aplicativos de relacionamentos gays: entre discursos, dinâmicas e subjetivações. In: GENÚ, M.; ABREU, M. P.; TEIXEIRA, C. L. (orgs.). **Práticas corporais, cultura e diversidade**. 1ed. Belém: UEPA - Universidade do Estado do Pará, 2018, v. 3, p. 75-92.

FRAGOSO, P. A. D. Enquadramento de corpos desmembrados e autoapresentados em perfis de aplicativos móveis para relacionamentos gays. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., MUNDO DAS MULHERES, 13., 2017, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: [http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498861040\\_ARQUIVO\\_PAULOFRAGOSO-Oenquadramentodecorposdesmembradoseautoapresentadosemperfisdeaplicativovosmoveispararelacionamentosgays.pdf](http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498861040_ARQUIVO_PAULOFRAGOSO-Oenquadramentodecorposdesmembradoseautoapresentadosemperfisdeaplicativovosmoveispararelacionamentosgays.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

HALL. S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MELO, T. B.; SANTOS, M. H. Macho discreto”: heteronormatividade, identidades silenciadas e representações (homos)sexuais nos perfis do aplicativo de relacionamentos Grindr. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, v. 16, n. 2, p. 76-98, jul./dez., 2020.

MISKOLCI, R. Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. **Cadernos Pagu** [online], n. 47, e164711, 2016.



MOREIRA, W. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, v. 1, n. 1, p. 19-30, 2004.

OLIVEIRA, M I C. **Identidade sexuais em “sigilo”**: aplicativos de relacionamentos online e suas opressões interseccionadas de gênero-religião-família-cultura-educação. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palma, TO, 2018.

PADILHA, F. A. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos aplicativos de busca por parceiros online no interior paulista. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019.

PARANHOS, M. A. O.; NERY, M. S. S. Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no recôncavo baiano. **Cadernos de Gênero e diversidade**, v. 6, n. 04, p. 200-227, out./dez., 2020.

ROCHA, D.; COELHO, M. I. Manda nudes: os *crushs* gays nos aplicativos *fast foda* de relacionamentos. **Revista Unilab**, v. 1, n. 04, p. 5-17, out./dez., 2018.

ROSA, F. M. **Não existe amor em app?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2017.

SANTOS, D. C. **“Mas e você, tá a fim de que?!”**. Encenando no *grindr* e *hornet*: análise da sociabilidade masculina na rede dos aplicativos. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, E. S. VIEIRA, M. C. As experiências afeto-sexual na contemporaneidade. *In*: Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, 3., 2018, Belém, PA. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: UFPA, 2018. Disponível em: <http://www.eavaam.com.br/2018/anais/index.html>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SILVA, V. N.; PAIVA, S. R. O. A construção do corpo masculino como objeto de consumo e identidade gay através do aplicativo Grindr. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 20., 2018, Juazeiro, BA. **Anais eletrônicos** [...]. Juazeiro: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0006-1.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SOUZA, A. R.; SANTOS JUNIOR, F. J. N.; MOTA, T. N. Expressões de Masculinidades de Homens Usuários do Aplicativo Grindr. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 6, n. 03, p. 57-75, jul./set., 2020.

VIEIRA, M C; CORRADI, A; SANTOS, L C G. Aplicativos *mobile* LGBT e a vitrine de corpos: identidades, performances e sociabilidades a partir de representações imagéticas. *In*: Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, 2., 2016, Belém, PA. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: UFPA, 2016.